

---

**A “SIGNIFICAÇÃO DO INSIGNIFICANTE” EM BENJAMIN E EM  
FREUD**

*Maria Sílvia Antunes Furtado<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo tem por objetivo analisar a correlação do pensamento benjaminiano com o pensamento freudiano, no que concerne à importância dada aos restos, aos resquícios em ambos. Tomando como base deste trabalho o estudo do fragmento “Armários”, um dos textos centrais de *Infância berlinense por volta de 1900*, vamos recorrer apenas aos aspectos da obra de Benjamin e Freud que corroborem com essa investigação.

**Palavras-chave:** Resquícios, Benjamin, Freud.

**Abstract:** This article aims to analyze the correlation between Benjamin’s thought and Freudian thought, regarding the importance given to the remains by both. Based on the work of the fragment “Cabinets”, one of the central texts of *Berlin Childhood around 1900*, we use only the aspects of Benjamin’s work that corroborating with this investigation.

**Keywords:** Remnants, Benjamin, Freud.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Doutorado em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão.

Segundo Gagnebin (1992, p. 44), “um dos aspectos mais instigantes do pensamento benjaminiano é a importância dos detalhes, dos objetos e dos costumes cotidianos, das coisas pequenas que passam despercebidas de tão familiares que são” e acrescenta que esse aspecto junta-se à “importância dos restos, dos resquícios, daquilo que, geralmente, é rejeitado como detrito ou lixo.” Partindo desses fragmentos, seguindo as pistas da autora e da análise que ela faz desses aspectos a partir do fragmento “Armários”, um dos textos centrais de *Infância berlinense por volta de 1900*, este trabalho tem por objetivo analisar a correlação desse aspecto do pensamento benjaminiano com o pensamento freudiano, através do estudo de textos. Tomando como base do trabalho o estudo dessa questão, vamos recorrer a apenas aos aspectos da obra de Benjamin que corroborem com essa investigação.

Há controvérsias, entre os estudiosos de Walter Benjamin, quando ao seu procedimento e método de trabalho. Dentre os autores que lhe afirmam um método, destacamos Sérgio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. Para Rouanet (1984, p. 12), os apontamentos que se encontram em *A origem do drama barroco alemão* seriam apontamentos sobre a teoria do conhecimento e estariam presentes nos demais textos de Benjamin e se afirmariam como “considerações epistemológicas e metodológicas que servem de pórtico ao trabalho (...)”. Para Gagnebin (1992, p. 44), a “significação do insignificante” é encontrada por Benjamin no “cruzamento dos caminhos, aparentemente opostos, do surrealismo e do marxismo” e completa que “esse motivo já correspondia à idéia profundamente benjaminiana de uma concentração de significações diversas na intensidade de uma forma única, espécie de mundo

em miniatura ou na terminologia leibniziana, de mônada”. Nesse sentido, Gagnebin também estabelece um princípio epistemológico e metodológico na obra de Benjamin. Segunda a autora, é esse conceito que percorre toda a obra do autor, desde o *A origem do drama barroco alemão* até as últimas teses *Sobre o conceito de história*.

Benjamin, em seus escritos usa a técnica do mosaico como montagem. O seu trabalho *Passagens* – escrito no período entre 1927 e 1940 – compõe-se de recortes, fragmentos e pontuações que serviriam para uma versão conclusiva do trabalho. Essa composição em mosaico, apesar de fragmentária, mantém uma coerência. Nesse sentido, o que está no cerne da técnica de montagem benjaminiana apresenta-se como uma posição dissimétrica em relação às discussões sobre o particular e o universal que constroem a tradição filosófica e perpassam a sua história. Ao revisitar o texto de Gagnebin (1992), percebe-se que o pensamento topológico está no cerne da técnica de mosaico usada por Benjamin. Essa motivação encontra um ponto de contato com a Psicanálise freudiana, pois a descoberta freudiana vai fazer um deslocamento com relação ao sujeito da consciência.

Para Lacan, “o acontecimento Freud” se tornou possível apenas a partir de Descartes, pois é desse momento em diante que o “sujeito” passa a ser o “eu”, aquele que pensa. Nesse sentido, a verdade moderna, marcada pelo ato inaugural de Descartes, é uma verdade buscada pelo homem, a partir dele.

“O acontecimento Freud”, termo inédito de Lacan, posteriormente trabalhado por Foucault em *Que é um autor?*, abre o capítulo XII do seminário

de Lacan, *De um Outro ao outro* e mostra que ele só foi possível depois que o homem mudasse de posição e se constituísse em um “eu” insubmisso, senhor de si, para verificar que esse eu não controla tudo que se passa consigo, que o inconsciente insiste e o determina.

A partir de Freud, temos um sujeito que não é mais o sujeito da consciência. A célebre frase freudiana “o eu não é senhor da sua casa” remete a existência de uma instância outra, que habita o sujeito e o determina.

Que o inconsciente fala, que há algo que fala no sujeito à sua revelia, isso, de alguma forma, já estava posto, o faz Freud, entretanto, é sistematizar a estrutura e funcionamento do inconsciente, criar um arcabouço teórico, uma rede de conceitos que possam sustentar o que, segundo ele, em *A interpretação dos sonhos (1900)* lhe foi revelado.

Se, por um lado, o final do século XIX e início do século XX clamavam por uma posição positivista diante dos fatos, forma de reconhecimento da chamada ciência, a descoberta freudiana não se enquadrava totalmente nesses padrões. Seguindo os parâmetros da formação acadêmica, Freud tinha a intenção de tornar a psicanálise reconhecida nos meios científicos, mas toda a sua formulação a respeito do psíquico levavam-no a conceitos que não podiam ser apreendidos pela lógica racional. Em se tratando do sujeito do inconsciente, o objeto da psicanálise não tem apreensão direta, ele só pode ser apreendido por seus efeitos, o representa “um tiro” na lógica racional. A apreensão do inconsciente pelos seus efeitos se dá por meio dos atos falhos, dos sintomas, dos sonhos e dos chistes. Somente através desses atos de

linguagem se tem acesso ao que é da ordem do recalcado<sup>2</sup> (*Verdrängt*). Embora em seu *Projeto de uma psicologia (1895)* Freud trace toda uma indicação neurológica na elaboração prototípica do inconsciente, todo o trabalho resvala na elaboração sobre a questão da linguagem. E, nesse sentido, não se pode apreender um conceito freudiano sem que ele se articule aos demais conceitos, que formam uma rede, um arcabouço teórico que sustenta as suas descobertas.

Os conceitos de inconsciente e pulsão (*Trieb*), que Freud distingue de instinto (*Instinkt*), estão intimamente ligados. O que distingue o sujeito falante dos demais seres animais é que ele possui uma linguagem articulada. A pulsão, em sua natureza geral, define-se por quatro características: fonte, impulso ou força, alvo ou objeto e finalidade. A satisfação da pulsão é sempre parcial e seus destinos ou transformações são: inversão ao seu oposto, desvio, recalçamento, sublimação, dentre outros). Lacan, no seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais*, detém-se longamente no trabalho sobre a montagem e desmontagem das pulsões. O objeto pulsional, para Lacan, está sempre aquém das expectativas. Nesse sentido, o alvo pulsional nunca é atingido de maneira direta, ele é sempre contornado. Esse trajeto pulsional estabelece uma condição de reativação da fonte pulsional, através da repetição de um circuito.

Diante desse breve recorte sobre os conceitos de inconsciente e pulsão, vale ressaltar que a o mais interessa é que eles estabelecem as ferramentas necessárias para se pensar um sujeito que só tem acesso parcial ao objeto,

---

<sup>2</sup> Recalcado (*Verdrängt*): representante psíquico, traço mnésico ou lembrança que sofreu recalçamento no inconsciente. O recalçamento (*Verdrängung*) é o processo de afastamento das pulsões às quais é rejeitado o acesso à consciência. (CHEMAMA, 1995, p. 185)

que o seu alvo só pode ser atingido parcialmente e que esse acesso é sempre mediado por uma linguagem articulada.

Benveniste (1991), ao investigar os trabalhos de Karl Von Frisch sobre o que seria a linguagem específica das abelhas – que através de movimentos circulares da parte inferior do corpo (wagging dance) e movimento circulares indicavam à colméia onde se encontrava o alimento – o lingüista afirma que não se pode chamar de linguagem o sistema comunicativa das abelhas, pois não se trata de um sistema lingüístico, e tece uma série de limites e diferenças entre esse sistema de comunicação e o sistema lingüístico articulado: elas não podem se comunicar á noite porque o sistema de comunicação é visual, não é transmitido por um aparelho vocal; não propriamente um diálogo entre elas, que mostram uma mensagem específica, que requer apenas uma resposta específica. Se Benveniste encontrou na ciência as condições para a diferenciação entre a linguagem humana e a comunicação animal, Lacan vai apontar essa diferença a partir da noção de pulsão. A linguagem articulada induz ao erro, ao tropeço, ao equívoco. Desde exemplos bem banais como a criança que chama o gatinho de “au au”, até aos lapsos de linguagem que podem ser constrangedores, indicam que a fala não estabelece uma univocidade de linguagem.

Freud, ao formular o conceito de inconsciente, é sensível a esse aspecto linguajero de seu funcionamento, ao que ele chama de processo primário, em oposição ao processo consciente, o chamado processo secundário. O processo primário é correlativo, segundo a teoria freudiana, aos processos metafóricos e metonímicos. A estrutura do discurso do sujeito, mostrada nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos, nos lapsos e nos sintomas têm estrutura

de linguagem. O inconsciente tem sua forma própria de manifestação e ela é articulada na linguagem. Em *A interpretação dos sonhos (1900)* Freud diz que os sonhos são como *rebus*<sup>3</sup>, espécie de enigma, cuja figura mostrada nada tem de análogo ao conceito extraído do enigma. O que Freud não se cansa de mostrar é que o discurso do inconsciente fala à revelia do “eu”. Há algo que fala no sujeito, que o ultrapassa, que é desconhecido de si mesmo. O “eu” instância consciência não resume a vida psíquica do sujeito.

As leituras freudianas, depois da morte de Freud e da segunda grande guerra, tomaram rumos que tendiam ao apagamento da virulência da sua teoria. Foi preciso Lacan se lançar ao que ele nomeou de “retorno a Freud” para que resgatar a noção de que “o inconsciente é estruturado como linguagem” (LACAN, 1998), conforme ele afirma em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*”.

A linguagem articulada é a marca diferencial entre nós e os demais animais. A via de expressão do desejo é a articulação significante. Há algo que falha no discurso e fala. O Freud privilegiou em seu trabalho foi a falha do discurso, foi o que tropeça no discurso. Foi esse fragmento, tomado como lapso, como falha, como erro, que ele elevou ao ponto de verdade do inconsciente. Nesse sentido, Freud privilegiou, no discurso, o que sempre

12929 — RÉBUS



3

Conceito do rebus: ALCACHOFRAS COZIDAS

Observa-se que, depois de decifrado, o conceito que advém do rébus não apresenta semelhança ou analogia ao desenho proposto.

“ficava de fora” porque não estava “correto”. Uma falha do discurso era considerada apenas um engano. “Falei isso, mas não quis dizer isso”. A partir de Freud a falha é incluída no discurso. Para a psicanálise, a falha é um discurso bem sucedido. Buscou-se elucidar esse ponto para dizer que Freud, assim com Benjamin, buscou no “insignificante”, um lugar privilegiado, uma significação.

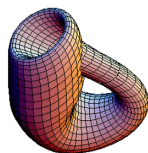
Para elucidar um pouco mais essa questão, vejamos o que se sucede na análise de um sonho, por exemplo. Freud adverte que, nos sonhos, o ponto em que o sujeito duvida é ali que se encontra a certeza. Ou seja, a vacilação é como se fosse o bordado do manto de Aquiles: mostra o seu ponto fraco. Ao contrário do sujeito do cogito cartesiano “Penso, logo existo” (cogito ergo sum), o sujeito da dúvida é o sujeito da certeza. Lacan (1998, p.512), entretanto, em *A instância da letra*, situa o sujeito na articulação significante. O sujeito do inconsciente é um sujeito barrado, sujeito dividido, só passível de aparecer entre os significantes. Enquanto o sujeito da ciência é o sujeito do conhecimento, o sujeito da psicanálise é aquele que “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. O sujeito da psicanálise é um sujeito excêntrico ao eu. Ele se situa como sujeito da linguagem, que só pode se fazer presente na cadeia significante.

Para concluir essa primeira discussão sobre o fato de Freud buscar uma significação no que era considerado insignificante, isto é, a falha no discurso, só foi possível devido à elaboração do *descentramento* do “eu” em relação ao sujeito do inconsciente. É o acolhimento das falhas na língua e na linguagem que possibilitaram a Freud – não o trabalho poético, que também acolhe restos e significantes e os transforma em poesia – a inauguração de um novo campo



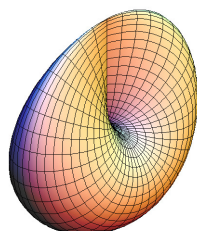
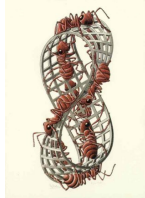
de saber. Por outro lado, temos que considerar, também, que a elaboração lacaniana de sujeito estabelece que não há dentro e fora para o sujeito. Se o sujeito é sujeito da linguagem, que ele aparece entre os significantes, não há um espaço que se delimite em dentro em fora. Esses contornos são dados pela linguagem. Para melhor entendimento, basta pensar no estilhaçamento ou fragmentação do ser que aparecem nas alucinações psicóticas.

A noção espaço-temporal a partir de Lacan ganha contorno interessantes. Se, por um lado, o sujeito se serve das noções espaço-temporais de acordo com uma cronologia que remete à origem e à sucessão, e os espaços se estabelecem a partir de uma tridimensionalidade, essas perspectivas são bastante limitadas quando se aborda o “inconsciente estruturado como uma linguagem”. Para Lacan (1998, p. 529), “o inconsciente é o discurso do Outro”. Para falar da estrutura do sujeito, Lacan referiu-se a objetos topológicos: garrafa de Klein<sup>4</sup>, banda de Moebius<sup>5</sup>, cross-cap<sup>6</sup>, dentre outras estruturas que mostra que o “dentro” e o “fora” podem estabelecer uma relação de continuidade, que nem sempre eles delimitam superfícies distintas.



<sup>4</sup> GARRAFA DE KLEIN:

<sup>5</sup> BANDA DE MOEBIUS, PERPETUADA ARTÍSTICAMENTE NO DESENHO DE M.C. ESCHER:



<sup>6</sup> CROSS-CAP:

A leitura lacaniana da relação do sujeito do inconsciente com a estrutura topológica estabelece uma relação com a concepção do pensamento benjaminiano, em especial no artigo a que nos referimos, no início do trabalho, “Armários” (Schränke). Encontra-se, em Benjamin, uma concepção que se contrapõe à concepção do pensamento de sua época:

A atividade crítica salvadora do pensamento exercer-se-ia, segundo Benjamin, não tanto nos altos vôos totalizantes da razão, mas, muito mais, na atenção concentrada e despojada no detalhe à primeira vista sem importância, ou então, no estranho, no extremo, no desviante de que nenhuma média consegue dar conta” (GAGNEBIN, 1992, p. 44)

Assim como em Freud, que privilegiou os desvios da linguagem e, o que era tratado como erro ou engano assumiu um valor de verdade do inconsciente, em Benjamin, é o detalhe sem importância que ganha relevo em seu pensamento. Assim como em Freud, o pensamento de Benjamin volta-se para o desvio.

Segundo Gagnebin (1992, p. 44), “Berliner Kindheit não é uma narrativa autobiográfica tradicional que retrataria o desenvolvimento linear de uma criança desde o seu nascimento até ela se tornar adulta”. Pequenos fragmentos organizam o texto, “sem nenhuma diacronia clara”. A autora atribui a organização do texto à interligação de “uma rede de lugares e de instantes privilegiados”. O conjunto dos textos de *Infância berlinense por volta de 1900* revela, segundo Gagnebin (1992), “uma aprendizagem” que é ao mesmo tempo erótica e intelectual. Para a autora, as descobertas benjaminianas da infância são demarcadas “pelas tentações das ruas e, inseparavelmente, pelas

seduções dos livros”. Os textos dessa coletânea que tratam de “*loggias*”, de esconderijos, da escrivaninha, de caixas ou armários, enfim destes lugares prediletos onde, como numa mulher ou como um livro, o eu pode se refugiar, desaparecer e se perder, mas também se encontrar e ter acesso ao outro” (GAGNEBIN, 1992, p. 44-45).

Seguem, abaixo, dois trechos do texto “Armários” (Schäränke), o primeiro na versão publicada pela Editora Brasiliense (Texto 1) e a segunda, “ligeiramente modificada” (Texto 2), proposta pela autora:

Texto 1

O primeiro armário que se abriu por minha vontade foi a cômoda. Bastava-me puxar o puxador, e a porta impelida pela mola, se soltava do fecho. Lá dentro ficava guardada minha roupa. Mas entre todas as minhas camisas, calças, coletes, que deviam estar ali e dos quais não tive mais notícia, havia algo que não se perdeu e que fazia minha ida a este armário parecer sempre uma aventura atraente. Era preciso abrir caminho até os cantos recônditos; então deparava minhas meias que ali jaziam amontoadas, enroladas e dobradas na maneira tradicional, de sorte que cada par tinha o aspecto de uma bolsa. Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da lã. Era “tradição” enrolada naquele interior que eu sentia na minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade. Quando encerrava no punho e confirmava, tanto quanto possível, a posse daquela massa suave e lanosa, começava então a segunda etapa da brincadeira que trazia empolgante revelação. Pois agora me punha a desembulhar ‘a tradição’ de sua bolsa de lã. Eu a trazia cada vez mais próxima de mim até que se consumasse a consternação: ‘a tradição’ deixava de existir. Não me cansava de provar aquela verdade enigmática: que a forma e o conteúdo, que o invólucro e o interior, que a ‘tradição’ e a bolsa, eram uma única coisa – e, sem dúvida, uma terceira: aquela meia em que ambos haviam se convertido. (Tradução de J.C. Martins Barbosa)

---

<sup>7</sup> Loggia: it. Loja, galeria.

Texto 2

O primeiro armário que se abriu por minha vontade foi a cômoda. Bastava-me puxar o puxador, e a porta impelida pela mola, se soltava do fecho. Lá dentro ficava guardada minha roupa. Mas entre todas as minhas camisas, calças, coletes, que deviam estar ali e dos quais não sei mais, havia algo que não se perdeu e que fazia minha ida a este armário parecer sempre uma aventura atraente. Era preciso abrir caminho até os cantos recônditos; então deparava com minhas meias que ali jaziam amontoadas, enroladas e dobradas na maneira tradicional, de sorte que cada par tinha o aspecto de um bolso. Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da lã. Era o 'trazido junto' (*das Mitgebrachte*), enrolado naquele interior que eu sentia na minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundeza. Quando encerrava no punho e confirmava, tanto quanto possível, a posse daquela massa suave e lanosa, começava então a segunda etapa da brincadeira que trazia empolgante revelação. Pois agora me punha a desembulhar 'o trazido junto' de seu bolso de lã. Eu o puxava cada vez mais próximo de mim até que se consumasse o espantoso: 'o trazido junto' tinha sido totalmente extraído do seu bolso, porém este último estava mais. Não me cansava de provar aquela verdade enigmática: que a forma e o conteúdo, o envoltório e o envolvido, 'o trazido junto' e o bolso, eram uma única coisa – e, sem dúvida, uma terceira: aquela meia em que ambos haviam se convertido. (Tradução de Jeanne Marie Gagnebin)

Segundo Gagnebin, no mesmo texto, Benjamin fala também de um outro armário de segredos fascinantes: os livros proibidos, que nunca eram fechados à chave. O final desse texto traz a evocação das gavetas da infância, do quarto de criança, "primeiros lugares onde se desdobra a paixão do colecionador" (GAGNEBIN, 1992, p. 46). Segundo Gagnebin, "A relação da mão infantil à meia prefigura, portanto, a relação do adulto aos livros e, aos objetos colecionados, a relação à cultura". Essa experiência erótica ao mundo da

cultura, ao mundo da tradição, do que é 'trazido junto', "transmitido no invólucro precioso, segundo a autora, é também uma relação de subversão crítica:

A criança não descobre um segredo inefável dentro das meias e dos livros mas, muito mais o avesso inseparável da superfície. O seu desejo não diz respeito a uma verdade escondida, mas sim a este movimento de mútua transformação e aniquilação que o gesto de desfazer e refazer a meia-bolso efetua. (GAGNEBIN, 1992, p. 46)

Esse ponto abordado pela autora é fundamental, pois revela uma crítica à separação que se faz entre "conteúdo e forma, interior e exterior, verdade e aparência". As análises benjaminianas da cultura serão coerentes com o movimento da mão na meia-bolso, que a desmancha e a recompõe. Mas o movimento de decompor e recompor não visa ao desvelamento de algo escondido, de algo sagrado ou misterioso, mas para "seguir com o dedo os contornos desta arquitetura íntima que une o fora e o dentro, o som e o sentido, o significante e o significado" (GAGNEBIN, 1992, p. 46). Essa experiência é o que a autora define como "experiência do vazio e da ausência" encontrada pelo menino ao desmanchar a meia-bolso. Dentro da meia não se encontra nada e é justamente isso o que possibilita a brincadeira. O gesto de desfazer e refazer só é possível porque há esse encontro faltoso; "sem a presença da ausência, não poderia haver este jogo da significação que constitui a cultura" (GAGNEBIN, 1992, p. 46).

Essa mesma metáfora da meia aparece, também no ensaio de Benjamin sobre Proust, ilustrando neste caso, a "relação entre tempo, subjetividade e imagem", que constituem a *recherche* proustiana:

A semelhança entre dois seres, a que estamos habituados e com que nos confrontamos em estado de vigília, é apenas um reflexo impreciso da semelhança mais profunda que reina no mundo dos sonhos, em que os acontecimentos não são nunca idênticos, mas semelhantes a si mesmos. As crianças conhecem um indício (*Wahzeichen*) desse mundo, a meia, que tem a estrutura do mundo dos sonhos, quando está enrolada, na gaveta de roupas, e é ao mesmo tempo “bolsa” (bolso) e “conteúdo” (das *Mitgebrachte*, o ‘trazido junto’). E, assim como as crianças não se cansam de transformar, com um só gesto, a bolsa (o bolso) e o que está dentro dela (dele), numa terceira coisa – a meia - , assim também Proust não se cansava de esvaziar com um só gesto, a armadilha (*die Attrappe*), o Eu, para evocar sempre de novo o terceiro elemento: a imagem, que saciava sua curiosidade, ou melhor, sua nostalgia. (BENJAMIN, 1994, p. 39-40)

Gagnebin (1992) aponta que a voz narrativa de *Em busca do tempo perdido* não se resume a uma “única identidade totalizante”, mas é constituída por “eus” fragmentários e essa perspectiva narrativa mostra o “sujeito na sua relação constitutiva com a linguagem e com o tempo” (GAGNEBIN, 1992, p. 47). Trata-se, pois, de uma perspectiva que se coaduna com a perspectiva do sujeito da psicanálise, como vimos anteriormente, um sujeito da linguagem. O que pode surgir dos interstícios do texto proustiano – denso e esburacado – é “o passado no presente como surge no o sonho na vigília e, poderíamos acrescentar, o inconsciente na fala” (GAGNEBIN, 1992, p. 47).

Essa imagem dialética que evoca a possibilidade do passado surgir no presente, “que junta o passado e o presente numa intensidade temporal diferente de ambos” (GAGNEBIN, 1992, p. 47), afirma que esse ressurgir não é uma repetição de si mesmo. Ao presente não cabe uma relação de interpelação do passado que não o modifique. “Ambos continuam a ser passado e presente, mas, no entanto, diferentes de si mesmos na imagem

fugitiva que, ao reuni-los, indica a possibilidade da sua redenção” (GAGNEBIN, 1992, p. 47).

O que vimos, tanto no pensamento freudiano quanto no pensamento benjaminiano é que ambos privilegiam dois aspectos que se tornam relevantes na elaboração de seus arcabouços teóricos: a dignificação do insignificante, do fragmento, dos restos da linguagem e também, de uma relação topológica, que coloca opostos em uma relação de contigüidade e diferença. Tanto o pensamento do psicanalista como o do filósofo sustentam-se, por um lado, pelo sujeito do inconsciente e, por outro, pelo pensamento dialético. Tanto um como outro inauguram a possibilidade de acolher o que a ciência, em nome de uma univocidade, prefere deixar atrás da porta.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

Benjamin, Walter. Armários. In: *Rua de mão única*. Obras Escolhidas III. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

\_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENVENSTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Editora Pontes, 1991.

FREUD, Sigmund. *Edição standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano? In: *História e cotidiano em Walter Benjamin*. Revista USP, set/out, 1992. Dossiê Walter Benjamin.

LACAN, Jaques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. *De um Outro ao outro*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.